

## **OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR-PRÓPRIO EM J.-J. ROUSSEAU E ADAM SMITH\***

OBSERVATIONS ON SELF-LOVE IN J.-J. ROUSSEAU AND ADAM SMITH

Rômulo Barreto Fernandes\*\*

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo destacar uma possível relação entre as obras de Jean Jacques Rousseau e Adam Smith, em especial o conceito de amor-próprio apresentado por ambos. A proposta se vale de estudos comparativos que levam em conta novos desenvolvimentos dos pensamentos de ambos os filósofos para avaliar a existência de proximidades entre seus pensamentos. Alguns buscam trazer à tona uma relação mais profunda entre os filósofos citados e observar as conexões existentes entre eles e como as leituras das obras de Rousseau influenciaram Adam Smith de alguma forma. Outras apresentam fundamentos para negar a existência desta influência, seja ela direta ou indireta. Uma terceira posição aceita apenas uma relação temática, sem que Smith tenha de fato respondido à obra de Rousseau. Essa possível relação, cujo início de evidência, no presente trabalho, se expressa por meio do conceito de amor-próprio (amour-propre para Rousseau, self-love para Smith), diminuiria a distância estabelecida pela tradição filosófica da obra dos pensadores.

**PALAVRAS-CHAVE:** amor-próprio; Jean-Jacques Rousseau; Adam Smith; iluminismo.

### ABSTRACT

Paper aims to highlight a possible relationship between the works of Jean Jacques Rousseau and Adam Smith, especially the concept of self-love (amour-propre) presented by both. The proposal makes use of comparative studies that take into account new developments in the thoughts of both philosophers in order to assess the existence of similarities between it. Some seek to bring to light a deeper relationship between the aforementioned philosophers and observe the links between them and how the readings of Rousseau's works influenced Adam Smith in some way. Others present grounds for denying the existence of this influence, whether direct or indirect. A third position accepts only a thematic relationship, without Smith having actually responded to Rousseau's work. This possible relationship, the first evidence of which in this paper is expressed through the concept of self-love (amour-propre for Rousseau, self-love for Smith), would reduce the distance established by the philosophical tradition between the thinkers' works.

**KEYWORDS:** self-love; Jean-Jacques Rousseau; Adam Smith; enlightenment

---

\* Artigo recebido em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.

\*\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp/Marília. E-mail: romulo.fernandes@ufpr.br.

## APRESENTAÇÃO

A organização político-econômica que matematiza o mundo por meio da precificação das decisões políticas segue um fio que tem como origem a crença na capacidade racional de ordenar o mundo. É possível observar como a passagem do ideal racional iluminista para alguns dos atuais sistemas econômicos pode ser compreendida de maneira clara na história das teorias econômicas. De fato, para além do que convencionou-se denominar “economia política”, é no âmbito dos números e balanças comerciais positivas que se determina o sucesso ou fracasso de uma proposta de gestão pública, de um investimento (público ou privado), da produção; pobreza, miséria e fome são, quando muito, corolários de um sistema com leis próprias ao qual cabe-nos apenas a conformação.

Com a persistência de um mesmo problema, torna-se possível que uma mesma voz dissonante seja invocada para debatê-lo. A atualidade de Jean-Jacques Rousseau se evidenciou, e suas obras receberam comentários recentes que dilataram sua importância para temas em que seu pensamento era pouco trabalhado. Tal atualidade, ainda, levou pesquisadores a opô-lo a Adam Smith (normalmente partindo de estudiosos do filósofo escocês), que fora tomado como principal arauto de um sistema natural de organização econômica do mundo, e que no ano do tricentenário de seu nascimento continua em voga. Adam Smith é recorrentemente invocado para justificar a conformidade a um determinismo decorrente de uma harmonia natural dos interesses a partir do egoísmo que, como princípio fundamental da ação humana, reverbera para todos os aspectos da vida, ultrapassa o campo da economia e passa a gerenciar todas as relações, sejam elas políticas ou sociais. Esta visão sobre a dinâmica socioeconômica em Smith, consubstanciada na ideia de *mão invisível*, o aproximaria, como insinua Rolf Kuntz, do sistema fisiocrático baseado em uma “ordem natural” (Kuntz, 1982, p. 15).

Há, porém, uma incongruência destacável nesta recepção de Smith expressa no fato de que o próprio filósofo escocês coloca diversos sentimentos como elementos mobilizadores da ação do sujeito. Smith observa nas ações humana uma complexidade de móveis que impedem a leitura que coloca sobre o egoísmo o papel de único ou, senão, mais importante dos sentimentos: “Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pela sorte de outros, e considerar a

felicidade deles necessárias para si mesmo, embora nada extraia disso senão o prazer de assistir a ela”<sup>1</sup> (Smith, 2015, p. 9; 2009, p.13).

O economista e filósofo Amartya Sen destaca como a negligência dos comentaristas de Smith para com seus textos morais é a principal causa dessas conclusões superficiais e excluem este do debate sobre a trama moral dos sistemas econômicos. Ao tomarmos Smith de forma mais ampla do que a de um pensador da economia e incluirmos no cadinho suas pesquisas sobre o tema da moral, vemos que a defesa que o escocês faz do interesse particular e, em última instância, do egoísmo estaria restrita à importância destas ao campo das trocas de mercadorias, e a expansão desse aspecto da experiência humana para o todo é um equívoco. Sen ressalta que, quando o conjunto tradicional de comentaristas defende a influência do egoísmo nas ações humanas, pouco ultrapassa a leitura superficial e limitada da obra de Smith, “ainda que esse debate incida apenas sobre uma questão muito específica, a saber, a *troca* (e não a distribuição ou produção), e, em particular, a *motivação* subjacente à troca (e não aquilo que torna as trocas regulares sustentáveis, como a confiança entre as duas partes”<sup>2</sup> (Sen, *introduction*, em Smith, 2009, p. xi – tradução nossa, grifo do autor).

Isto nos serve de ponto de referência para uma possível reavaliação da filosofia de Smith segundo essas novas formas de abordar seu pensamento. O escocês fora leitor de Rousseau; se esta leitura o influenciou é tema de recente debate. A carta enviada por Smith para os editores da *Edinburgh Review* em 1756, onde constam traduções de partes do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, demonstram não um contato superficial, mas um estudo propriamente dito, em período anterior à publicação da primeira edição de *Teoria dos Sentimentos Morais* em 1759.

Com base nestas novas observações sobre a filosofia de Adam Smith, bem como uma abertura do pensamento de Rousseau para temas antes marginalmente trabalhados, pretendemos, neste trabalho, aproximar o pensamento de ambos os filósofos a partir de dois pontos específicos. O primeiro passa por uma avaliação dos estudos que relacionam as ideias dos filósofos tratados, para observar que, se a relação direta entre ambos, ou seja, se há de fato uma influência ou resposta direta de um para o outro, há uma relação histórico-temática mais evidente. O segundo ponto, complementar ao primeiro e decorrência deste, observa

---

<sup>1</sup> “How selfish soever man may be supposed, there are evidently some principles in his nature, which interest him in the fortune of others, and render their happiness necessary to him, though he derives nothing from it, except the pleasure of seeing it”.

<sup>2</sup> “even though that discussion is addressed only to one very specific issue, namely *exchange* (rather than distribution or production) and, in particular, the *motivation* underlying exchange (rather than what makes normal exchanges sustainable, such as trust and confidence between the two parties)”.

especificamente o conceito de amor-próprio (*amour-propre* em Rousseau, *self-love* em Adam Smith) e como o conceito tem características semelhantes em ambos os pensadores. Concluímos, por fim, que as distâncias estabelecidas pela tradição filosófica entre ambos os pensadores se mostra ponto ainda aberto e se não há uma possibilidade de maior aproximação das filosofias de Rousseau e de Smith.

## 1 DA RELAÇÃO ENTRE ROUSSEAU E SMITH

Os estudos que pretendem avaliar uma possível relação entre os pensamentos de Adam Smith e de Jean-Jacques Rousseau costumam se colocar em duas posições mais evidentes. Por um lado, observa-se que Smith não debate com Rousseau e sim com Mandeville, ou então que Rousseau não tem em vista os debates relativos à sociedade da forma que Smith observa e que, assim, discutiríamos assuntos diferentes, como destaca Mark Hulliung (*apud* Paganelli; Rasmussen; Smith, 2018). A outra vertente destaca, porém, uma relação mais íntima do pensamento de Rousseau com o de Smith, como por exemplo o estudo realizado por Istvan Hont em *Politics in Commercial Society* (2013), ainda que para este a proximidade em questões morais não se reverta em proximidades quanto à solução política.

Existe uma possibilidade de aproximação. Em comentários sobre o livro de Paul Sagar (*Adam Smith Reconsidered. History, Liberty, and the Foundations of Modern Politics*, 2022), onde este destaca, na mesma linha que Mark Hulliung, que Smith não responde ao pensamento de Rousseau, mas de fato aos de Hume e Mandeville, Thiago Vargas (2022) destaca que o principal ponto de ligação entre os pensamentos de Smith e Rousseau estaria no que o último apresentou no *Emílio* (1762), onde desenvolve noções como piedade e sua compreensão de sociedade comercial de forma diferente do que havia feito no *Segundo Discurso* ou do que faz no *Contrato Social*. Apesar da objeção que o próprio autor da resenha destaca, de que o *Emílio* é posterior à obra inaugural do escocês de Kirkcaldy, poderíamos pensar se a história das edições de *Teoria dos Sentimentos Morais*, cuja última edição fora publicada em 1790, não traria elementos de relação mais profunda entre ambos pensamentos.

Podemos, portanto, questionar de que forma a filosofia destes dois grandes pensadores do Iluminismo, contemporâneos e por vezes tratados como antagônicos (Paganelli; Rasmussen; Smith, 2018, p. 1), se comunicam. Se há, dentre os que se dispõem a estudar uma possível relação filosófica, diversas posições quase na mesma proporção de

pesquisadores interessados no tema, destas podemos destacar a de que há uma relação evidente de Rousseau nas obras de Smith, consubstanciada na tradução realizada por este do segundo *Discurso* do Genebrino na já mencionada carta de 1756 enviada ao *Edinburgh Review*.

Esta, porém, não é a única referência de Smith a Rousseau. Os comentários que o escocês faz sobre o genebrino vão do texto *Considerações sobre a primeira formação das línguas*, de 1761, até o estudo sobre arte no ensaio “*Da natureza da imitação que ocorre nas chamadas artes imitativas*”, publicado em 1795, como mostraram Paganelli, Rasmussen e Smith (2018, p. 5) que, inclusive, elencam, a partir de um estudo realizado por Hiroshi Mizuta em 2000, obras de Rousseau possuídas por Adam Smith, estando o *Emílio* dentre estas. A influência de Rousseau sobre Smith, assim, se evidenciaria, segundo aqueles, na medida em que algumas das passagens escritas pelo escocês se parecem com paráfrases diretamente retiradas da tradução realizada na carta ao *Edinburgh Review* e que aparecem tanto na Teoria dos Sentimentos Morais como em A Riqueza das Nações (Paganelli; Rasmussen; Smith, 2018, p. 4-7).

Hulliung, opondo-se à relação entre os dois filósofos do Século XVIII, destaca a ausência de citação a Rousseau nas principais obras de Smith, ainda que outros autores sejam recorrentemente citados, “seja para concordar ou discordar deles” (Hulliung *apud* Paganelli; Rasmussen; Smith, 2018, p. 36-37 – tradução nossa). Ainda, e talvez mais importante para Hulliung, o fato de serem principalmente os autores estudiosos de Smith a invocar esta relação, trazendo um “argumento extremamente dúbio de que Smith escreveu em resposta a Rousseau e o derrotou em um debate sobre a ‘sociedade comercial’”<sup>3</sup>, deixaria de lado que, para o genebrino, o problema não era a sociedade comercial e que “seu alvo fundamental era nada menos do que a própria civilização”<sup>4</sup> (Hulliung *apud* Paganelli; Rasmussen; Smith, 2018, p. 32, tradução nossa). Para Hulliung, seria o caso das pesquisas que tentam aproximar Rousseau e Smith assumirem que esta possível relação não é histórica, mas um exercício de história comparativa (Hulliung *apud* Paganelli; Rasmussen; Smith, 2018, p. 45-46).

Com a filosofia de Rousseau aberta para o problema do interesse (como destaca Bruno Bernardi em *La fabrique des concepts*, 2006, p. 283), também se apresenta a

---

<sup>3</sup> “extremely dubious argument that Smith wrote in response to Rousseau and defeated him in a debate over ‘commercial society’”.

<sup>4</sup> “his fundamental target was nothing less than civilisation itself”.

compreensão do pensamento rousseauista para além da preocupação que a tradição seguiu e coloca-o na discussão não somente sobre a economia política, algo que o próprio verbete por ele escrito para a *Encyclopaedie*, tornado ensaio posteriormente, destaca, como também para o problema maior da formação da sociedade comercial, fato que aproxima o pensamento de Rousseau especificamente com o de Adam Smith. Quando, por fim, o pensamento deste último é revisitado e surgem novos interesses sobre sua produção no campo da moral, de certa forma preparatório para seu sistema econômico, abrindo-se o pensamento de Smith para a importância dos outros móveis da ação humana que não o interesse particular e egoísmo, podemos avaliar quais os pontos de conexão e repulsão no pensamento destes dois expoentes do pensamento oitocentista.

## 2 DO AMOR PRÓPRIO

A relação entre sentimentos e interesses para o andor da humanidade nos parece, neste caso, imprescindível. É do interesse humano viver, movido por um sentimento de autopreservação que leva o indivíduo a agir em busca da manutenção da existência. Neste ponto, é com clareza que Rousseau associa conservação e sentimentos, sendo que, para ele, o ser humano é dotado daqueles convenientes à natureza humana de pronto, ou de forma inata. Estes sentimentos fundamentais são, para Rousseau, “o amor de si, o temor da dor, o horror à morte e o desejo de bem-estar” (Rousseau, 2014, p. 411). Ao mesmo tempo, o ser humano é também dotado da capacidade de ultrapassar o mero cuidado de si e cuidar-se também em sociedade, contando com sentimentos pertinentes ao convívio social. Rousseau também entende estes como inatos (p. 411), ainda que a relação social seja contingente. Ao ser introduzido a um sistema social, o indivíduo se vale desses sentimentos relativos à espécie humana para socializar-se, e “é do sistema moral formado por essa dupla relação, consigo mesmo e com seus semelhantes, que nasce o impulso da consciência” (p. 411), pois passa-se de um estado em que o mero impulso em busca da autopreservação é suficiente para outro em que emerge um impulso de reconhecimento de si e a existência do outro semelhante a si. O despontar do amor-próprio, derivação do amor de si e que é propriamente relativo, exige do indivíduo uma nova gama de sentimentos que deve mediar a convivência.

Partimos de uma diferença fundamental na formação dos juízos “eu preciso sobreviver”, “eu tenho uma preferência na minha sobrevivência e na minha vida” e “somente

eu preciso sobreviver e viver”. Parece-nos, dessa forma, que é do interesse do indivíduo viver, o que não exclui, necessariamente, que os outros tenham o mesmo interesse relativos a eles. Está nestes pensamentos a diferença entre amor-de-si, amor-próprio e egoísmo, ou, como distingue Frederik Neuhouser, amor-próprio “não-inflamado” e “inflamado” (Neuhouser, 2008, p. 116). O interesse pessoal não é necessariamente egoísta, ele segue a escala desta paixão na dinâmica geral que compõe este cadinho sentimental do ser humano.

A importância da distinção entre amor-de-si, amor-próprio e egoísmo em Rousseau se dá a partir de um contexto que, segundo observações de Nicola Abbagnano (2012, p. 50), remonta a Aristóteles e perpassa a história até encontrar em Malebranche a fonte da qual Rousseau tomará os conceitos e os elaborará em seus termos. Para o Genebrino, porém, tanto amor-próprio como egoísmo são paixões históricas derivadas da paixão originária humana que é o amor de si: “A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive é o amor de si” (Rousseau, 2014, p. 288), e que é apenas um dos móveis reconhecidos por Rousseau como inatos dentro do conjunto que compõe o que ele chama de sentimentos. Contudo, amor de si e amor-próprio não são conceitos intercambiáveis, como sinônimos, mas paixões distintas “tanto pela sua natureza quanto pelos seus efeitos” (Rousseau, 1983, p. 306). Esta distinção se encontrava em Malebranche, que está presente nas reflexões de Rousseau, como Paul Arbousse-Baptiste, em nota ao segundo *Discurso* (Rousseau, 1983, p. 306).

Ao mesmo tempo em que é visto como uma paixão fictícia e que entusiasma no homem o sentimento de preferência, o amor-próprio é paixão social, pela própria exigência de comparação para seu afloramento. É pela função do amor-próprio que Rousseau o afirma como “um instrumento útil, mas perigoso; não raro fere a mão que dele se serve e raramente faz o bem sem mal” (Rousseau, 2014, p. 340). Ao mesmo tempo, é fundamental para Rousseau que se entenda este amor-próprio como ambivalente e, portanto, neutro moralmente, pois “Só se torna bom ou mau pela aplicação que se faz dele e pelas relações que se dão a ele” (Rousseau, 2014, p. 95). Pensarmos esta distinção em Rousseau é fundamental, pois, como ressalta Thiago Vargas “a passagem para a ordem civil, viabilizada pela arte política, é não somente um meio pelo qual a vida pode ser preservada (...), mas a única forma eficaz da garantia da autonomia (...) e da própria realização dos interesses” (Vargas, 2020, p. 366). É a entrada na ordem social que permite aos indivíduos sobreviverem e, por conseguinte, viverem. A associação seria, dessa forma, um ato interessado e motivado por uma paixão, o amor-próprio.

Essa ambivalência do amor-próprio nos permite fazer um uso dissociado dela com o egoísmo. O uso deste termo como diferente do amor-próprio se justifica a partir do próprio texto de Rousseau. A palavra *Egoïsme* tem origem tardia no francês [1º registro no *Dictionnaire de l'Academie* de 1762] (Vargas, 2020, p. 299), e seu uso é raro no léxico da psicologia moral do genebrino, aparecendo apenas uma vez no *Emílio*, em extensa nota ao final da Profissão de Fé do Vigário Saboiano, para referir-se às afeições de um “pretenso sábio” como “secreto egoísmo” (Rousseau, 2014 p. 447). Há nessa passagem um início de dissociação entre este egoísmo e o amor-próprio, como conceitos diferentes. Ainda, a palavra passa a ter um uso mais específico nos textos seguintes de Rousseau. Em *Rousseau, juiz de Jean-Jacques*, desenvolve-se uma oposição fundamental em que Rousseau descreve como “O orgulhoso despotismo da filosofia moderna levou o egoísmo do amor-próprio a seu ápice” (Rousseau, 2022, p. 344). Nas *Considerações sobre o Governo da Polônia*, a posição do egoísmo na dinâmica passional observada por Rousseau se evidencia quando este afirma, ao estabelecer a razão da diferença entre os homens antigos e modernos, nos “Nossos preconceitos, nossa vil filosofia e as paixões do interesse mesquinho, concentrados com o egoísmo em todos os corações (...)” (Rousseau, 2022, p. 163). Entendemos, a partir da distinção que o próprio Rousseau opera em seu texto, e da posição específica que Rousseau dá ao egoísmo, que há uma diferença fundamental entre os sentimentos de amor-próprio e egoísmo que sustenta a ambivalência daquela paixão.

Desta observação sobre a distinção desses dois conceitos, ainda mais por se tratar de um tão importante para Rousseau quanto o amor-próprio, uma questão que se suscita é se há, com isso, uma ruptura entre as obras rousseauistas iniciais e tardias, como se houvesse um Rousseau jovem e um Rousseau tardio, aos moldes das análises realizadas sobre outros pensadores, ou se talvez haveria algum tipo de transmutação no conceito. Teria Rousseau recusado o amor-próprio como exposto no *Discurso sobre as ciências e as artes* e no *Discurso sobre a desigualdade* para valer-se de um novo conceito nestas obras posteriores?

Não podemos nos opor ao próprio pensador neste ponto. Rousseau evidenciou sem sombra alguma de dúvida que seu pensamento tem uma estabilidade principiológica que permeia sua obra de início ao fim. Ao defender seu pensamento em sua *Carta a Christophe de Beaumont*, não é à toa que Rousseau afirma sem dúvidas que, a despeito da diversidade de temas por si desenvolvidos, o fez “sempre segundo os mesmos princípios” (Rousseau, 2005, p. 40). Como é no mínimo temerário discordar do próprio filósofo que se comenta, tem-se que

este amor-próprio tratado tanto nos textos iniciais como os mais tardios deve permanecer conceitualmente sólido.

Resta saber como o amor-próprio descrito na “nota O” do segundo *Discurso*, este “sentimento relativo (...) que inspira aos homens todos os males que se causam mutuamente e é a verdadeira origem da honra” (Rousseau, 1983, P. 307) também é o amor-próprio que, no *Emílio*, se torna princípio de virtude (Rousseau, 2014, p. 352). Este problema já demandou nas pesquisas rousseanianas diversas páginas e ainda demandaria outras tantas. Porém, podemos observar inicialmente que Rousseau opera uma transmutação léxica importante no *Emílio* sobre o conceito. O trecho em que este processo se opera apresenta um momento fundamental para compreensão da mudança por que passa o fundamento sentimental do indivíduo a operar no seio social:

Estabeçamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza sejam sempre direitos: não há perversidade original no coração humano. Não se encontra nele um só vício de que não possamos dizer como e por onde entrou. A única paixão natural ao homem é o amor de si mesmo, ou o amor-próprio tomado em sentido amplo. Este amor-próprio, em si, ou relativamente a nós, é bom e útil, e, como não tem relação necessária com outrem, é a esse respeito naturalmente indiferente. Só se torna bom ou mau pela aplicação que se faz dele e pelas relações que se dão a ele. Até que o guia do amor-próprio, que é a razão, possa nascer, é portanto importante que uma criança não faça nada porque é vista ou ouvida, nada, numa palavra, por causa dos outros, mas apenas o que a natureza lhe pede. Nesse caso, nada fará que não seja bom (Rousseau, 2014, p. 95).

Rousseau aglutina os conceitos de amor-de-si e amor-próprio nesta passagem do *Emílio*. O princípio “que leva todo animal a velar pela própria conservação e que, no homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude” se une ao “que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que de qualquer outro” (Rousseau, 1983, p. 306). Permanecem, porém, os princípios elencados no segundo *Discurso*, agora presentes na consciência do indivíduo socializado, tanto o que o leva à conservação de si quanto o que o leva a considerar o outro e preferir-se. Essa preferência por si, essa estima de si mesmo enquanto indivíduo em meio e junto a outros, porém, não necessariamente transmuta-se em egoísmo. Rousseau concatena a mudança que ocorre com a entrada de *Emílio* em sociedade:

Tendo *Emílio* até o presente olhado apenas para si mesmo, o primeiro olhar que lança a seus semelhantes leva-o a comparar-se a eles, e o primeiro sentimento que excita nele esta comparação é desejar o primeiro lugar. Eis o ponto em que o amor de si transforma-se em amor-próprio e onde começam a nascer todas as paixões que

dele dependem. Mas, para saber se as paixões que prevalecerão em seu caráter serão humanas e doces ou cruéis e maléficas, se serão paixões de benevolência e de comiseração ou de inveja e cobiça, é preciso saber que lugar ele julgará ser o seu em meio aos homens, e que tipos de obstáculos acreditará ter de vencer para chegar ao lugar que pretende ocupar (Rousseau, 2014, p. 324-325.)

Não vislumbramos uma mudança no conceito de amor-próprio. O que se sucede, aparentemente, é um desenvolvimento e expansão deste, que agora se encontra no registro da vida em sociedade conforme apresentado em *Emílio*. Ainda, como anteriormente notado, Rousseau adquiriu uma nova ferramenta conceitual para trabalhar no momento em que incorpora o egoísmo ao seu léxico, podendo apresentar mais um sentimento que, apesar de nascer do amor-próprio não deve ser confundido com ele. Isso nos permite observar de que forma estes dois conceitos distintos podem aproximar os pensamentos de Smith e Rousseau.

Seguindo de acordo com a abertura de *Teoria dos Sentimentos Morais* e usando-a como baliza ordenadora do pensamento de Adam Smith, podemos observar a existência de uma distinção entre o que o filósofo escocês observa como o móvel egoísta (a ideia contida nas palavras *selfish* e *selfishness*), e outros motivadores da ação que temperariam ou até mesmo superariam este egoísmo que, em uma análise superficial, como destaca Sen, é tomado como paixão primordial do homem.

Quando Adam Smith analisa o sistema moral de Francis Hutcheson (Smith, TMS VII.II.iii, 2015, p. 372-380; 2009, p. 353-359), e contrário à ideia deste de que nenhum ato virtuoso pode decorrer dos impulsos do amor-próprio, pois “até uma consideração do prazer da autoaprovação, do confortável aplauso de nossas próprias consciências, diminuiria, segundo ele [Hutcheson], o mérito de uma ação benevolente”<sup>5</sup> (Smith, TMS VII.II.iii, 2015, p. 376; 2009, p. 356-357), Smith sustenta que o ato praticado por amor-próprio pode, de alguma forma, ser observado como merecedor de aprovação, opondo o motivo benevolente de uma ação não ao amor-próprio, mas ao egoísmo (*selfish*). Neste sentido, invoca a imagem de uma pessoa que não tem qualquer apreço pelo autocuidado que não ultrapasse o da sobrevivência e autopreservação. A imagem deste sujeito, apesar da piedade que sentiríamos pela sua condição, também inspira uma perda da dignidade: “Desaprova-se universalmente a despreocupação”<sup>6</sup> (Smith TMS VII.II.iii, 2015, p. 378; 2009, p. 358).

<sup>5</sup> “even a regard to the pleasure of self-approbation, to the comfortable applause of our own consciences, according to him, diminished the merit of a benevolent action”.

<sup>6</sup> “carelessness and want of economy are universally disapproved”.

O amor-próprio, para Smith, apresenta, neste ponto, um aspecto que ecoa algumas posições expostas por Rousseau no *Emílio*. Vemos, por exemplo, como o Vigário de Saboia, ao encontrar o jovem a quem faz sua Profissão de Fé, o vê próximo à morte moral que consiste em “um grau de embrutecimento que tira a vida da alma, e a voz interior não se consegue fazer ouvir por quem só pensa em comer”; o remédio que inicia o tratamento desta condição passa por fazer “despertar nele o amor-próprio e a estima de si mesmo” (Rousseau, 2014, p. 369). Este amor-próprio apresentado tanto por Smith quanto por Rousseau está bastante aquém do sentimento exacerbado que ambos chamam de *egoísmo*.

## CONCLUSÃO

Levando-se em conta essas reflexões, entendemos que tanto Rousseau quanto Smith se valem de um léxico similar e fazem uso congruente deste na constituição do fundamento sentimental do indivíduo em sociedade expresso, dentro do escopo pretendido do presente estudo, por meio do conceito de amor-próprio. Este, ainda que represente uma preferência por si mesmo, não exige a exclusão a existência do outro. Há no pensamento de ambos, a ser ainda explorado em outra oportunidade, outras forças que atuam concomitantemente com esse amor-próprio que levam a uma possibilidade de relação social ordenada baseada em um interesse. Embora, pelo escopo apresentado, ainda seja cedo para perceber em que medida os seus pensamentos se alinham ou divergem, é possível concluir: tanto Rousseau como Smith foram alvo de avaliações tradicionais que os colocavam como, se não inimigos, defensores de polos opostos no pensamento político e econômico. No entanto, cabe debater, no âmbito desta nova análise das ideias de ambos os pensadores, se é possível ultrapassar o fosso que se estabeleceu entre o arauto do republicanismo e o pai do capitalismo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thiago Vargas Escobar. **As sociedades e as trocas**. Rousseau, a economia política e os fundamentos filosóficos do liberalismo. São Paulo, FFLCH-USP, 2020. Tese (Doutorado em Filosofia). Maria das Graças de Souza (Orient.); Laurent Jaffro (Orient.).

BERNARDI, Bruno. **La fabrique des concepts**. Recherches sur l’invention conceptuelle chez Rousseau. Paris : Honoré Champion, 2006.

HONT, Istvan. **Politics in commercial society**. Jean-Jacques Rousseau and Adam Smith. Ed. Béla Kapossy e Michael Sonenscher. Cambridge, London: Harvard University Press, 2015.

HULLIUNG, Mark. “Rousseau and the Scottish Enlightenment: Connections and Disconnections”. *In*: PAGANELLI, Maria Pia; RASMUSSEN, Dennis C.; SMITH, Craig. **Adam Smith and Rousseau**. Ethics, Politics, Economics. p. 32-51. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.

KUNTZ, Rolf. **Capitalismo e Natureza**. Ensaio sobre os fundamentos da economia política. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PAGANELLI, Maria Pia; RASMUSSEN, Dennis C.; SMITH, Craig. **Adam Smith and Rousseau**. Ethics, Politics, Economics. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado; Coleção Os Pensadores. 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou, Da educação**. tradução Roberto Leal Ferreira; 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SEN, Amartya. “Introduction”. *In*: SMITH, Adam. **The Theory of Moral Sentiments**; introduction by Amartya Sen, edited with notes by Ryan Patrick Hanley. London: Penguin Books, 2009.

SMITH, Adam. **Ensaio filosófico**. organizado por Alexandre Amaral Rodrigues, Pedro Fernandes Galé; traduzido por Alexandre Amaral Rodrigues, Pedro Fernandes Galé, Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SMITH, Adam. **The Theory of Moral Sentiments**. Introduction by Amartya Sen, edited with notes by Ryan Patrick Hanley. London: Penguin Books, 2009.

SMITH, Adam. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Trad. de Lya Luft; revisão de Eunice Ostrensky. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

VARGAS, T.; LOURENÇO, C. Resenhas. **Discurso**, [S. l.], v. 52, n. 2, p. 278-284, 2022. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2022.206616. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/206616>. Acesso em: 10 abr. 2023.